

Corpos Biográficos na formação de uma cantora

Sarah Thamires Alves de Limaⁱ

Jéssica Almeidaⁱⁱ

Universidade de Brasília - UnB, Brasília/DF, Brasilⁱⁱⁱ

Resumo - Corpos Biográficos na formação de uma cantora

O presente artigo tem como objetivo principal analisar, de forma breve, em que medida ou de quais formas, o corpo biográfico se presentifica nas narrativas de formação de uma cantora de música popular. Para isso, faremos uma expansão de papéis investigativos, em que a autora de uma pesquisa de mestrado em andamento se colocará no lugar de pesquisada, e as questões motivadoras, que foram usadas em sua coleta de dados da pesquisa, serão agora respondidas pela própria mediadora, dialogando e entrelaçando falas pessoais de experiências empíricas com o referencial teórico que embasa a temática no campo científico.

Palavras-chave: Pesquisa (auto)biográfica. História de Vida. Processos de Formação em Música. Formação de cantora. Biografia músico-educativa.

Abstract - Biographical Bodies in a singer's training

The present article aims to briefly analyze to what extent or in what ways the biographical body is manifested in the narratives of a popular music singer's formation. To achieve this, we will expand investigative roles, in which the author of an ongoing master's research will assume the position of the researched, and the motivating questions used in her data collection will now be answered by the mediator herself, engaging in a dialogue that intertwines personal accounts of empirical experiences with the theoretical framework that underpins the theme within the scientific field.

Keywords: (Auto)biographical research. Life Story. Music Training Processes. Singer training. Musician-educational biography.

Resumen - Cuerpos Biográficos en la formación de una cantante

El presente artículo tiene como objetivo principal analizar, de manera breve, en qué medida o de qué formas el cuerpo biográfico se manifiesta en las narrativas de formación de una cantante de música popular. Para ello, realizaremos una expansión de roles investigativos, en la que la autora de una investigación de maestría en curso asumirá el lugar de investigada, y las cuestiones motivadoras que se utilizaron en su recolección de datos serán ahora respondidas por la propia mediadora, dialogando e entrelazando relatos personales de experiencias empíricas con el marco teórico que fundamenta la temática en el campo científico.

Palabras clave: Investigación (auto)biográfica. Historia de vida. Procesos de formación musical. Formación de cantante. Biografía músico-educativa.

Introdução

O corpo que narra minha¹ história vem carregado de muitas marcas, atravessamentos do meio e de experiências que traçam diferentes mudanças de rota no decorrer da vida. Nesse artigo, a proposta de me colocar enquanto corpo que participa da busca de si, a busca de conhecimento e a *busca de consciência* (Josso, 2012) nasce do interesse de ampliar os papéis na construção de uma pesquisa de mestrado em andamento, pois uma vez que estou como um corpo que toma a posição de mediadora e investigadora do tema proposto, é natural que aconteça um leve distanciamento das questões norteadoras, para que a análise se faça de forma coerente e teoricamente situada, com respeito às subjetividades de cada cantora participante.

Todavia, para o recorte apresentado nesse artigo sentarei do outro lado da mesa, lugar em que as perspectivas, olhares e sensações serão como um mergulho profundo em minhas vivências, memórias, cicatrizes e as experiências que me formam, (de)formam, ou mesmo as que (per)formo enquanto artista, cantora, compositora, professora e ser que busca nutrir os valores da criatividade e a autenticidade como protagonistas do roteiro de vida em que atuo.

Para Josso (2012), o conceito de Corpo Biográfico destaca a importância da subjetividade e da experiência pessoal na formação de identidade, reconhecendo que cada corpo é único e carrega consigo uma narrativa que é influenciada por diversos fatores, como contexto social, cultural e relações interpessoais. Dessa forma, o Corpo Biográfico serve como uma via para compreender como as narrativas pessoais se entrelaçam com aspectos mais amplos da sociedade e da cultura.

No que se refere à formação, “falar das próprias experiências formadoras, é pois, de certa maneira, contar a si mesmo a própria história, as suas qualidades pessoais e sociocultural, o valor que se atribui ao que é vivido na continuidade temporal do nosso ser psicossomático” (Josso, 2004, p. 48). Portanto, nas narrativas descritas neste trabalho, iremos focar na formação com sentido de moldar, dar forma, estrutura, organicidade de fatos e ideias, alinhamento de expectativas e construção de um ser em constante movimento.

A metodologia de histórias de vida em formação será a base para desenvolvimento deste texto, e para se pensar a formação a partir das experiências vividas, não apenas

¹ O texto intercala momentos de escrita na primeira pessoa do singular e na primeira pessoa do plural. Isso porque, embora o artigo tenha sido escrito de maneira colaborativa, a construção da narrativa nele apresentada foi feita de forma individual, pela primeira autora do texto.

epistemológicas, mas no sentido fenomenológico e empírico das narrativas. A ideia de formação nesse contexto terá como fundamento e será investigada, a partir dos conceitos teóricos de Marie-Christine Josso, autora que dedicou sua carreira acadêmica à pesquisa (auto)biográfica, bem como, nos registros provenientes de muitos anos de investigações científicas com foco nessa temática.

Para além de se pensar a formação que nasce das narrativas de um corpo biográfico estático, nos debruçaremos sobre a ideia de corpo que sente e dá sentido, corpo que marca e corpo que vive as experiências significantes de uma história de vida. Buscamos, assim, aproximar a lupa de percepção para observar a formação de um corpo artista, corpo mulher artista, corpo família e lugar, corpo que canta, corpo sócio-político-cultural, corpo capital, e um corpo de subjetividades que dialoga com o meio, no palco e com a música. No decorrer das narrativas que se sucedem podem emergir ideias, conceitos e memórias de um corpo que resiste artisticamente, e que resiste através da arte, numa mixologia de sensações, sentimentos e adesão de diferentes posturas de narrador.

Todavia, ainda recorrendo ao texto da dissertação da qual este artigo se faz um recorte, é importante ressaltar sobre as diferentes formas de análise e autoanálise que irão nascer das reflexões inspiradas nas questões norteadoras deste trabalho (as quais serão expostas logo à frente), tendo em vista que não haverá mais um distanciamento por parte de quem fala e quem analisa essa fala, tampouco de quem registra, para quem é o registrado neste trabalho. Logo, será valorizado aqui o exercício da reflexividade, de visitar, revisitar e traçar possíveis novas rotas para minha própria história de vida. Segundo Passeggi (2011), a reflexividade autobiográfica proporciona a quem narra a diversidade de aberturas para novas experiências, em que se pode acatar a ideia da experiência em formação em dois sentidos: prática formadora e reelaboração permanente em movimento.

Segundo Passeggi e Souza (2017), o Movimento (Auto)biográfico no Brasil, é dividido em dois importantes períodos, sendo o primeiro inaugurado nos anos 1990, com a eclosão da pesquisa autobiográfica e das histórias de vida na área de educação, e o segundo momento a partir dos anos 2000, com uma maior expansão e diversificação de áreas com temas de pesquisa utilizando dessa abordagem. Mais tarde, Almeida (2019) localizaria, de maneira semelhante, três períodos: o de Imersões (décadas de 1980 e 1990), o de Aplicações formativas (segunda metade da década de 1990 e década de 2000) e Período de Inter-Relações (década de 2010). Esses dois últimos compreendem, por um lado, a atenção à subjetividade das pessoas

que participam das pesquisas, em que “revelam-se imaginários, representações, delineiam-se saberes e identidades e discutem-se sentidos atribuídos à vida, à profissão e às relações entre trajetórias pessoais e profissionais” (p. 83); e, por outro, a edificação de um novo paradigma de pesquisa, em que tornam-se pauta de discussões a relação entre participante e pesquisador e em que a não neutralidade do investigador é compreendida como uma “oportunidade de reconstrução de sua própria história e de uma abertura para o ‘inesperado’, para novas vias não antecipadas pelas pesquisas” (p. 84).

Ainda, nesse contexto, destaca-se a realização do Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica (CIPA), em 2004. O congresso, com 20 anos de trajetória, já reuniu e tem reunido de forma bianual pesquisadores e cientistas, de diferentes áreas e localidades, com o objetivo de avançar na investigação da abordagem (auto)biográfica. Quanto à relevância do CIPA para o movimento biográfico nacional e internacional, Passeggi e Souza (2017) pontuam que:

[...] com o objetivo de colaborar para os avanços do movimento (auto)biográfico do ponto de vista nacional e internacional e pensar os seus desafios, o Congresso, que se inscreve como uma iniciativa acadêmico-científica, constitui um espaço privilegiado de partilha de conhecimentos e de democratização de saberes decorrentes de pesquisas, fomentando a cooperação internacional, pesquisas e práticas de formação que têm, nas narrativas biográficas e autobiográficas, seu campo de inserção, atuação e sua centralidade (Passeggi; Souza, 2017, p. 22).

De forma complementar, Passeggi (2011) considera que a investigação (auto)biográfica, de forma ampla, se constitui de quatro eixos estruturantes, sendo eles: 1. As narrativas (auto)biográficas como método e fonte de investigação; 2. Tradições discursivas: modos de (auto)biografar; 3. As narrativas (auto)biográficas como práticas de formação de adulto; e por fim, 4. A narrativa (auto)biográfica como prática de formação do formador. Nesse último eixo, a preocupação encontra-se no conceito de “mediação biográfica” e na relação entre o formador (mediador) e o adulto em formação. A pesquisa de mestrado que fundamenta o recorte apresentado nesse artigo se localiza no terceiro eixo e, também, corresponde a uma maneira diferenciada de se pensar, conceber e fazer pesquisa, acompanhando as inovações trazidas mais fortemente pelas últimas décadas do Movimento (Auto)Biográfico no Brasil.

Ao traçar caminhos que podem emergir desse movimento, é possível aproximar as perspectivas e as subjetividades das narrativas a uma prática de formação pela experiência (Josso 2004), junto ao conceito de corpo biográfico, de Josso (2012). Portanto, o corpo biográfico, inserido nesse contexto, compreende uma dimensão de prática (auto)biográfica

em que as histórias de vida são pautadas na relação com o corpo, na memória desse corpo que sente, armazena, é marcado, pensa, dá significado e ressignifica. Todas as experiências que passam na pele e cicatrizam formas de se perceber/ser um corpo no mundo tomam rostos e texturas a partir das memórias acessadas, que se criam na alteridade, no sentir de essência única e intransferível, oriundas de diferentes lugares, grupos e perspectivas plurais de existência e cosmogonias, das que regem nossas ideologias e filosofias de vida ou morte e, também, das que nos atravessam enquanto possibilidades de formação ou (de)formação. Quando falamos em (de)formação, não jogamos com o prefixo para que seu sentido negativo seja remetido e, sim, para que se gere a ideia de algo que está em constante transformação, tomando forma, sendo modelado pelo sujeito em formação, em uma perspectiva (auto)biográfica.

Contextualizado nosso tema, podemos então adentrar as questões que serão as colunas desse emaranhado de construções narrativas, em que cada pergunta norteadora será respondida sem que tomemos por base e referência outras histórias, se não a nossa, mesmo. Com isso, extrapolamos o entendimento de conhecimento em seus moldes puramente intelectuais ou acadêmicos para acolher aquele que nasce na pele, na experiência cotidiana, da sensação, do saber fazer, saber da prática, saber de vivências inspiradas no dia a dia, que dialoga passado, presente e futuro em uma *biografia músico-educativa* adaptada.

Para compreender o método “biografia música-educativa” como possibilidade de acesso às histórias de vida em formação na música, ou a formação dessas histórias, apresentamos, a seguir, os procedimentos e as etapas que a constituem. Segundo Almeida (2021) a biografia músico-educativa foi criada com base no conceito da *biografia educativa* de Pierre Dominicé, em que a principal diferença entre a biografia educativa e a biografia músico-educativa é a inserção da música e de experiências com a música como pontos principais do direcionamento da pesquisa e as narrativas que dela emergem. Para desenvolvê-la de forma adaptada, foram definidos três momentos de reflexão e escrita, em que o segundo momento, que no formato original seria uma troca entre as pessoas que participam da pesquisa, em nosso contexto será adaptada para uma reflexão individual, embora possamos inferir que possivelmente estará atravessada pelo momento em que sua autora se encontra no desenvolvimento da pesquisa de mestrado: o de escuta e análise de narrativas de outras cantoras.

O primeiro momento está pautado nas questões 1) *Que experiências (pessoal ou profissional) marcaram minha carreira de cantora e, musicalmente, como eu poderia descrevê-las? 1.1) De que forma meu corpo se faz presença nessas experiências, como eu o percebo/sinto significativo na minha construção como cantora.* Espera-se, dessas primeiras narrativas, uma breve imersão em memórias em uma dimensão descritiva dos fatos, sem necessariamente mobilizar um processo de reflexividade. O segundo momento é motivado pela seguinte questão 2) *Em que medida, ou de quais formas as minhas experiências e marcas desse corpo-mulher biográfico me (de)formaram pessoal e musicalmente?* O segundo momento é direcionado para que se obtenha maior grau de reflexividade, aprofundamento de ideias, percepções, sentimentos e sentidos acerca das memórias e vivências narradas. E, por fim, o terceiro e último momento será animado pela questão: 3) *“O que faço agora com o que eu me tornei mediante as experiências e as marcas desse corpo-mulher-biográfico?”* onde a proposta é me debruçar sob um nível mais profundo de reflexividade e autoconsciência das experiências que me atravessaram, buscar compreender as formas pelas quais elas me afetam e moldam, e projetar a partir dessa conjuntura, um futuro, de possíveis cenários do amanhã.

1º Momento

1) Que experiências (pessoal ou profissional) marcaram minha carreira de cantora e, musicalmente, como eu poderia descrevê-las? 1.1) De que forma meu corpo se faz presença nessas experiências, como eu o percebo/sinto significativa na minha construção como cantora?

Adalgisa Alves de Lima, 21 de Abril de 1995, numa sexta-feira à tarde, no 9º andar de um hospital, dava luz a um ser musical de cores quentes e vivas, Sarah Thamires Alves de Lima, que logo à frente viveria inúmeras mutações como Saraní, com marcas que moldaram suas percepções e filosofias de vida. As memórias de experiências que me conectam com a musicalidade e minha voz cantante, me retoma muito a primeira infância, nos cultos da igreja, nas reuniões de família, na escola, na rua, entre amigos, sozinha, em aulas, no coral, na primeira banda que participei, e muitos outros espaços que minha voz me levou, e que eu me levei pela voz.

Lembro de observar minha mãe cantando as músicas da igreja com o *playback*, enquanto eu e meus irmãos brincávamos. O encantamento com a voz da minha mãe era imenso, e ainda é, mas quando criança eu a via cantar e ela brilhava, como se uma luz forte a cobrisse, os agudos, então... os agudos sempre me deixavam de boca aberta e os graves pareciam preencher todo o espaço, com muito peso e força, e por dentro eu sempre pensava: se um dia eu conseguir fazer metade do que minha mãe faz com a voz, eu serei a pessoa mais feliz do mundo todo.

Os elogios que ela recebia em todos os lugares em que íamos me enchiam de orgulho, ela é a minha mãe! Eu sou filha de alguém tão incrível e de uma voz tão potente, era sempre uma emoção diferente quando ela cantava. Minha mãe foi minha primeira escola de música, minha primeira professora de canto, mesmo sem nenhuma intenção de ser, ela foi minha primeira referência de ser um corpo musical, um corpo que brinca com a voz, que experimenta, um corpo que herda, corpo que treino, corpo que transcende com a musicalidade, um corpo artista livre que nasceu de outro corpo artista de religião e fé, num ciclo contínuo e ininterrupto de troca, ancestralidade, evolução, respeito, amor e afeto.

As primeiras apresentações cantando foram um desafio para o meu corpo ainda tão inseguro e recolhido, mas cada vez que eu me colocava em desafio, e com coragem de enfrentar meus medos do olhar do outro, o retorno era sempre positivo, os *feedbacks* muito bons, e assim fui me construindo, evoluindo, me permitindo ser vista, aceitando que minha

voz realmente poderia tocar as pessoas em volta, me jogando no incerto e no desconhecido mundo do fazer artístico, do fazer musical e do ser de sensibilidades intensas que me formei.

Ademais, o saber lidar com essas sensibilidades e me estabelecer como um corpo que está na frente do palco liderando o rosto da banda, me libertou para viver o domínio e a expansão desse lugar sagrado. Lugar esse que nos transforma de seres humanos comuns, em fazedores gigantes de arte e expressão, como super heróis com poderes de emocionar e transmutar energias. Minha história de vida, bem como as experiências que me marcaram nessa história, me fizeram visitar e retomar essa minha criança Sarah, minha infância, e o lugar em que me criei e fui criada.

A primeira vez que me vi como cantora foi participando de um coral da igreja, no naipe contralto, com referências de vozes graves e pesadas, em que a harmonia era colorida pela linha dos contraltos, o charme da junção, a voz mais complexa de manter a afinação.

Ingressei no coral porque comentaram nos corredores da igreja que o coral fazia muitas viagens para cantar em outros estados e cidades, e a ideia de viajar para cantar foi o que me brilhou os olhos, e não cantar, exatamente. Mas entre uma apresentação de natal e outra, lá estava eu, cada vez mais pertencente ao coro, executando os solos mais difíceis, ajudando as novas coralistas, me movimentando com o grupo para a arrecadação de dinheiro por meio de vendas de comidas, que nós mesmos produzíamos, e a paixão pela música cada vez maior. O coral foi minha primeira casa musical, em que me senti capaz e estimulada a buscar mais conhecimento. O significado da música pra mim nessa época era a fé, a música como conexão divina e sagrada.

Inspirada por esse desejo na busca do conhecimento, em 2013 ingressei no curso de licenciatura em música da Universidade de Brasília, até então como Sarah Lima, a filha do pastor Joaquim, solista do coral, um corpo cristão. Com o passar do tempo percebi nesse lugar um corpo engessado, um corpo que apenas respeitava comandos, e não tinha nenhuma capacidade crítica de problematizar situações e ideias impostas. Notei que meu corpo na verdade era uma máquina de receber informações e reproduzi-las, sem ao menos buscar compreender do que se tratavam essas informações, como um copia e cola, meu corpo seguia um roteiro já estabelecido de conceitos e movimentos. Quando me deparei com esse fato, junto a esse sentimento me sucedeu também, em paralelo, um certo grau de consciência sociocultural.

Junto a essa consciência me ocorreu muitas crises de identidade e baixa autoestima, em que muitos momentos no início do curso da graduação eu me via completamente sozinha, recolhida, chorando escondida no banheiro do departamento por não conseguir compreender determinados conteúdos, não compreender a oratória dos professores e dos colegas, por notar que as narrativas eram tão diferentes, por me sentir pequena, minúscula, e cada vez menor, chegando a medir 15 cm de relevância. A baixa autoestima aqui era sobre lidar com minhas faltas (ausências), meus acessos negados pelas dificuldades socioeconômicas dos meus pais, e falhas de aprendizado intelectual.

No decorrer do curso esse sentimento foi se dissolvendo e dando lugar ao acolhimento, a autoconfiança, e as ajudas vindas de pessoas queridas que surgiram no caminho. Com isso, meu corpo foi aos poucos se reencontrando e se fortalecendo. Afinal, eu já estava ali, não fazia sentido voltar atrás e desistir. Tenho um corpo resistente a mudanças, pouco fluido, pouco leve, logo, desistir de planos, ou ter que reinventá-los, é um desafio para o meu corpo terra, corpo enraizado. Então, mesmo com as dificuldades e angústias no início da graduação, eu me mantive até o último dia do curso, finalizando com excelência em um belo show de recital de formatura, que levou o título de ser *soul* metamorfose, em que reuni uma grande banda para tocar *soul* brasileiro nomes como Tim Maia, Cassiano, Ellen Oléria, dentre outros. Nessa fase a música significava novos horizontes e novas descobertas para mim.

Em paralelo com a vida acadêmica, muitas outras experiências me marcaram e me formaram enquanto cantora, dentre elas as mudanças de perspectiva de vida, crenças, sexualidade, cosmogonias e visão política. Aos 19 anos parei de frequentar a igreja, foi uma decisão que aconteceu de forma gradual, em uma fase muito delicada da minha saúde mental, pois na época eu enfrentava um episódio de depressão.

Foi um momento divisor de águas para tudo que sou hoje, e para minhas tantas mudanças e rupturas. Busco não exaltar o sofrimento com o prestígio de algo que me fez bem, de algo que foi necessário para minha melhora, de algo que me fez mais forte, não, porque não fez. Porém, celebro a minha capacidade de me reinventar, e desenvolver evolução naquele momento. Mesmo me sentindo um corpo fixo e pouco maleável, naquele momento consegui me jogar no desconhecido, me permitir mudar, me permitir olhar de outro ângulo, mudar a rota, exatamente assim que sinto o significado de uma experiência, algo que me faz mudar a rota.

Já em 2020, me deparei com outra curva da vida, com outro momento de mudança de rota, me encontrei com o diagnóstico de transtorno de ansiedade, que numa fase de muitas intensidades, culminou numa crise de pânico, em que eu estava dirigindo meu carro, e por um momento vi tudo desmoronar e sair do lugar, como se eu perdesse totalmente o controle da minha psique. A falta de ar, o pensamento acelerado, o desespero, resultaram na sensação mais próxima da morte que já senti ou que tenho lembrança até hoje. Nessa fase eu costumo dizer que me resetei, zerei tudo que eu estava fazendo, re programei tudo que eu era, troquei planos, e, novamente, aquele corpo que se diz fixo, resistente, pouco flexível, estava ali posto em outra movimentação orgânica, outro renascimento de mim, outra mudança de rota. Ele estava em (de)formação.

E foi assim que nasceu Saraní. Quando me vi finita, e tomei consciência expandida do quão frágil e mortal eu sou, eu olhei pra dentro e me perguntei: você realmente está feliz fazendo o que está fazendo? Você realmente quer viver dessa forma? E então a vida deu seus pulos para me colocar exatamente onde eu precisava estar, fazendo música, criando, compondo, cantando, ocupando espaços, conquistando muitos e muitos palcos, dentro e fora do Brasil, crescendo como artista, como mulher, como pessoa negra em ascensão, como corpo mulher bixessual,² corpo político de intelectualidades, corpo que se comunica com boa oratória, corpo cantora que se movimenta, e um corpo vivo de sensibilidades fortes e resilientes.

O nome Saraní nasce da ideia de contraste, de amor, de resistência, é a junção do nome hebraico Sarah, com o nome tupi-guarani Araní. Em que Sarah simboliza a nobreza pelo significado do nome, filha do rei, e Araní que simboliza tempo furioso e tempestade. Portanto, Saraní cria a ideia de ciclo, contraste de sensações e movimentos, o giro que é a vida orgânica, em que momentos bons e ruins nos formam ou deformam, e inspiram novos cenários para um futuro próspero, regado de abundância e novos aprendizados que não precisam estar pautados em sofrimento que “ensinam”. Eles precisam estar pautados na busca por mudanças que chegam pelo amor, pela arte e pela leveza de uma mente consciente, com a terapia em dia,

² A bissexualidade é uma orientação sexual em que a pessoa sente atração física e emocional, tem desejos e estabelece vontades sexuais com ambos os sexos. Dessa forma, devemos relacionar, inicialmente, a bissexualidade ao desejo sexual e não a uma relação conjugal. Ainda, é importante destacar que a atração pode ser equilibrada ou variar ao longo do tempo, e que ser bissexual não implica uma preferência igualitária por ambos os sexos. Fonte <https://www.telavita.com.br/blog/bissexualidade/>, acesso em 26/06/2025.

e um corpo que se permite, cada vez mais, ser flexível e menos rígido, ser autoconhecimento e liberdade.

Em síntese, quando me debruço sobre minha história de vida, pincelando rapidamente algumas breves experiências, dentre tantas que me formam, me sinto realizada, plena, consciente e feliz com meu lugar no mundo, ciente da necessidade de fazer diariamente as pazes com as minhas faltas, enfrentando meus sentimentos de culpa e sofrimento, para me abrir as sensações de esperança, confiança, empoderamento feminino negro, abraçando e celebrando as pequenas e grandes vitórias pessoais e profissionais.

Musicalmente eu poderia descrever minha biografia com uma música autoral, me colocando como minha principal referência, e usando minha própria história como inspiração, através do single **Romance**, um samba rock brazuca com trechos de rap e células rítmicas de salsa, em que o refrão tem a seguinte letra: *chega pra cá, sem demorar, faz o que quiser morena, hoje o mundo é seu morena, toma o seu lugar. chega pra cá, sem demorar, faz o que quiser morena, hoje o mundo é seu morena, pode comandar*. Musicalmente ela também me descreve, pois hoje consigo perceber o quanto múltiplas são as possibilidades de ser, criar e conquistar no mundo, com o empoderamento e a confiança de enxergar que posso considerar o mundo sem fronteiras, em que o mundo é meu, e eu sou do mundo.

Ouçá e veja **romance**: ([Sarani - Romance \(Ao Vivo no Abelhando LAB\)](#))

2º Momento

2) Em que medida, ou de quais formas as minhas experiências e marcas desse corpo-mulher biográfico me (de)formaram pessoal e musicalmente?

A medida que minhas experiências me formam ou deformam é proporcional à quantidade de vezes que eu consegui digerir e ressignificar cada uma delas na minha história. Muitas experiências com gosto fácil de degustar, até muito saborosas, e algumas outras nem tanto, mas todas com significados que passam pela minha pele, minha sensação, meus sentidos, muitos cheiros e muitas texturas diferentes.

Quando revisito minha história, minhas vivências, e todos os atravessamentos que me moldam, eu sinto que meu corpo-mulher-biográfico se formou através de muitas sensibilidades e sensações intensas. Não recordo de experiências até hoje que tenham sido leves e ao mesmo tempo me fizeram mudar de rota. Geralmente as experiências que me fizeram repensar, refazer, trocar de planos, foram experiências intensas, muitas vezes sem o meu controle direto ou autonomia das situações, mas em todos os momentos, com as resoluções partindo de mim e das minhas ferramentas psicológicas que tinha em mãos.

Ferramentas psicológicas essas que precisam ser constantemente revisitadas, reafirmadas e vivenciadas no meu cotidiano. Pois minha formação é regada de subjetividades que envolvem os processos de uma mente múltipla. Costumo comparar com um jogo, que em determinado momento da partida você acha que está ganhando, desvendando alguns enigmas, mas quando na verdade você resolveu um e complicou mais dois logo à frente, ou seja, é um ciclo de montar e desmontar constante.

Dores que eu penso já ter tratado, hora ou outra voltam e machucam como se nada tivesse sido curado ainda, já em outros momentos, dores que pareciam doer intensamente, não te causam mais nada, anestesiou, neutralizou, passou, ensinou e seguiu para a próxima etapa do jogo. São caixas e mais caixas que se abrem, uma dentro da outra, e a cada fase descobre-se novas caixas, novas emoções, novas marcas. É complexo definir de que forma minhas experiências me formam, exatamente por essa incerteza e subjetividade nos processos de construção da minha identidade.

O que fica e reverbera no meu corpo, é a Saraní cantora, artista, pessoa de consciência política, racial, e social, pessoa de empatia, pessoa bixessual que busca se libertar de muitas culpas cristãs, pessoa sociável e comunicativa, mas que valoriza com apreço momentos de

recolhimento, silêncio e reflexões internas. Pessoa que consegue criticar um sistema religioso, mas que acolhe, perdoa, agradece, ama profundamente a família cristã da qual faz parte, mesmo se sentindo uma peça completamente destoante de todas ali pertencentes, mesmo não se enxergando parte igual nesse núcleo, por vezes, com o peso da culpa por não ser o que se foi projetada ao nascer, um plano falho.

Nesse ponto vale citar Jeffrey Weeks, quando o autor questiona “qual é a relação entre, de um lado, o corpo como uma coleção de órgãos, sentimentos, necessidades, impulsos, possibilidades biológicas e, de outro, os nossos desejos, comportamentos e identidades sexuais?” (Weeks, 2022, p. 46). Uma questão que permeia estudos sociológicos e históricos sobre os conceitos de corpo ao longo do tempo, e que se faz presente na minha história, quando me deparo com meu corpo bixessual, que por muitas vezes é demonizado e condenado por grande parte da igreja, e o cristianismo em geral. O que dificulta e me trava a assumir essa identidade para minha família, ainda hoje, nessa escrita presente, é um grande desafio e causa sofrimento trazer esse assunto para os meus pais.

Todavia, me sinto feliz e grata por conseguir me encontrar, me perceber, me aceitar, me amar, e reconhecer meu lugar no mundo, de forma única e autêntica, prezando sempre pelo respeito à diversidade, cultivando o amor, a liberdade e a busca constante por evolução pessoal e espiritual, espiritual não em uma perspectiva cristã, mas reverenciando o poder soberano da natureza, e tudo que ela movimenta, dá vida e significado.

Tudo que me forma, transparece no palco quando canto, transparece na forma que me movimento no mundo, como falo, como sorri, como choro, como me conecto com o novo, com o desconhecido, e principalmente como meus medos me limitam ou me impulsionam. Sinto que todas minhas marcas definem minha postura e quem eu sou como cantora, artista, compositora e professora.

Por um determinado período da vida eu me vi como um corpo coordenado e obediente, com facilidade de seguir ordem e ser obediente quando necessário, e quando me colocava à prova de criar algo novo, ou questionar e criticar algo, eu simplesmente não sabia como usar a voz, ela desaparecia, mandava lembranças: até logo, volto depois quando eu souber o que fazer, porque agora eu realmente não sei, se vira por aí. E sem voz eu ficava, sem voz eu congelava.

Recordo de um episódio da minha carreira, em que me vi nesse lugar de ausência do som. Estava tudo pronto para subir ao palco, primeiro show com a banda baile, muito brilho,

cabelo novo, música na ponta da língua, muitas luzes em mim, quando subo no palco, pânico, medo, desespero, cadê a voz, as pernas fracas, quem eu sou? Cadê a Sarah cantora? Pra onde ela foi? A banda atrás de mim, e no ponto de retorno do ouvido: Sarah? Sarah? Você está ouvindo? Sarah? Os dançarinos prontos para subirem no palco, e eu completamente travada, sem voz, sem movimento, sem nada. Naquele dia eu me vi de frente com minhas culpas, medos, traumas, baixa autoestima, vi meus monstros bem de pertinho, me abraçando e me prendendo num lugar fixo, sem que eu conseguisse me mover nenhum centímetro.

Superar essa fase foi delicado, pois esse episódio aconteceu mais algumas vezes, e sei que tudo isso vinha de vivências que marcaram meu corpo, e agora ele estava ali soltando tudo que eu tinha colocado pra dentro que não me fazia bem, sentimentos de mágoa, medo, raiva, tristezas que não me valiam, e tantas toxicidades. Muitas que não tinham sido eu exatamente quem tinha me imposto, mas o fizeram em algum momento, e o filtro que deveria filtrar, não filtrou.

Quando criança eu sofria muito *bullying* na escola, e uma vez culminou em agressão física, me bateram, isso marcou meu corpo. Ainda criança um senhor mais velho me tocou sem minha autorização, isso me marcou, o ódio e a culpa me marcaram muito na primeira infância. Quando adolescente sofria a culpa de um corpo com desejo reprimido, isso me marcou. No final da adolescência sofri um aborto, isso me marcou. Na fase jovem me vi em muitos momentos no lugar de objetificação, negra de pele clara bixessual, é diversão, dá pra “amar” entre quatro paredes, mas namorar ou construir uma família, isso é com uma branca, isso me marca. Quantas marcas que me moldaram, e muitas delas nunca tratadas, faladas, conversadas, expostas, muitas delas apenas segredos íntimos, e apenas meus. Uma hora o corpo iria realmente dar pane no sistema de tanto acúmulo.

Por muito tempo fiquei sem subir no palco, me sentindo completamente incapaz, novamente questionando minhas habilidades e minha suficiência, assim como no início da graduação em música. Com o passar dos anos, mediante a busca por terapia, autocuidado, autoconhecimento, e muito coragem, finalmente retomei para o meu corpo cantora, mas dessa vez como Saraní, cantora de música autoral, cantora que busca construir uma identidade única, autenticidade e marca musical com originalidade.

E quando me conecto com a Saraní me conecto também com as partes muito boas das minhas marcas de um corpo vida. Lembro-me das brincadeiras na grama com meu pai e meus irmãos, o cuidado e carinho do meu pai, que me marcou. A doçura da minha mãe quando eu

não ia bem na escola, abraço de apoio “calma filha, você vai conseguir superar isso, e logo terá uma nota melhor” isso me marcou, o afago do abraço dela sempre me marca. Meu primeiro absorvente e meu primeiro sutiã foram meu pai quem comprou, a atenção e o esforço dele em ser presente e amoroso, me marcou, a sensação de ser acolhida e amada me marcou. Na adolescência tive amigos que apoiavam e caminhavam comigo, isso me marcou. Quando já adulta, viajei para Suécia, com a missão de representar o Brasil cantando samba de roda em um festival de música, meu corpo atravessou o oceano através da música, levada pela minha voz, isso me marcou.

Saraní me trouxe de volta pra mim, e para um olhar mais sutil e doce de mim, trouxe mais leveza, mais força, mais coragem, e consciência da minha finitude, de quão frágil e resistente eu posso ser, me lembra que posso encerrar a qualquer momento, e que logo tudo isso que vivemos em terra, todas nossas vivências, irão virar apenas história, apenas memórias registradas, e qual história eu quero deixar? Qual história eu quero escrever?

3º Momento

Biografia músico educativa adaptada & Considerações finais

3) “O que faço agora com o que eu me tornei mediante as experiências e as marcas desse corpo-mulher-biográfico?”

Já fui e sou diferentes corpos, e muitos corpos já me formaram. Hoje eu busco dialogar com tudo que sou, fazer as pazes com minhas faltas, ser muita coisa quando abro mão de ser tudo, e principalmente, me libertar de muitos sentimentos de culpa e autocoerção fantasiosa, em que me sinto com forte pressão social de estar rica e estável aos 30 anos, quando na prática essa cobrança é única e exclusivamente da minha cabeça. Afinal, não existe nenhuma data fixada em um projeto de vida rígido e lógico, em que dita exatamente as datas e idades em que irei conquistar certos feitos.

Logo, a medida e as formas pelas quais o meu corpo biográfico se presentifica na minha formação é plural, é diverso, e pode ser observado em cada experiência descrita nesse compilado de memórias, desde o corpo filha, que aprende com a inspiração da mãe, corpo de atravessamentos psicológicos, que se movimenta e se adaptar em novas realidades diagnósticas, e tantos outros corpos que me formam.

Quando penso sobre o corpo nesse lugar de consciência do meu eu de formação, de tudo que me atravessa, e quais caminhos irei traçar a partir desse conjunto de acontecimentos, recorro a autora Josso, que destaca [...] “esse ser de carne e sua declinação biográfica estão em relação com o ser de imaginação pela forma como cada autor dá importância ou não a sua aparência física e suas diferentes manifestações como ser de carne” (Josso, 2009, p. 124). Portanto, em junção com a ideia de corpo biográfico, corpo que sente, e corpo que marca, acrescento o conceito do ser de imaginação, em que cada história e narrador terá sua percepção e versão dos acontecimentos vivenciados.

Visitando o conceito do imaginário nessa perspectiva, busco pensar o futuro, daqui pra frente quem será Saraní, quais caminhos irei trilhar. Sempre tive dificuldade de me imaginar a longo prazo, daqui 5 anos, 10 anos, 20 anos. Não sei exatamente o porquê dessa dificuldade, mas hoje faço o exercício de tentar enxergar lá na frente, como estarei, onde, com quem, em qual contexto.

São projeções que tenho de um possível futuro ideal, mas que ao mesmo tempo, ciente de que estou sujeita às muitas mudanças repentinas sem aviso prévio, busco projetar planos com mais leveza de poder reinventá-los caso se faça necessário, sem resistir ou sofrer,

mas aceitar o que não posso controlar e apenas me adaptar. “A visão do humano aberto a experiências novas pertence a uma visão de emergência de evolução do universo, igualmente aberta sobre o infinito dos desconhecidos e dos impossíveis de conhecer (é uma das cosmogonias imaginárias possíveis)” (Josso, 2009, p. 134).

Logo, busco a partir de agora, o equilíbrio e a minha saúde mental bem cuidada, para que outras partes da minha vida possam caminhar de forma fluida e harmônica. Sabendo das minhas vulnerabilidades, busco, também, abraçar minhas fraquezas, e compreender que elas não me derrubam ou me tornam fracas, mas sim, me colocam de frente com minha finitude, que me movimenta a viver cada segundo de vida desse corpo passagem, deste corpo mortal, que me presentifica nesse planeta, e com privilégio nesse momento único do espaço-tempo.

E viver cada segundo intensamente, nesse contexto, não está ligado à necessidade de euforias e aventuras de improviso. Esse viver cada segundo está mais ligado ao ser de atenção consciente, de viver o aqui e o agora, sem estacionar em angústias do passado, ou travar por medos infundados do futuro, apenas viver o hoje. “O ser de atenção consciente está assim no coração do nosso ser-no-mundo e de nossa capacidade de existir com laços com nós mesmos e com nosso ambiente humano e natural. Ele faz corpo” (Josso, 2009, p. 125).

Concluindo, mas ainda não por fim, me projeto num futuro próspero, abundante, com muito amor, conquistas musicais, com cada vez mais consciência e autoconhecimento, na busca por evolução, ascensão e saúde mental.

Pensando em cenários possíveis, quero finalizar meu mestrado esse ano vigente, quero gestar e ser mãe, quero conseguir me estabilizar financeiramente, ao algo mais próximo do que se considera estável, como ter plano de saúde, direito a férias, 13º salário no final do ano, segurança alimentar. Liberdade de poder viajar e conhecer muitos lugares novos, pessoas novas, novos saberes e novos sabores. Compor e lançar muitas músicas. Poder em algum momento, ajudar e presentear meus pais com mais frequência. Manter meu corpo em movimento e cada vez mais forte e resistente. Ingressar em um programa de doutorado, dar continuidade à minha pesquisa de corpo biográfico com foco em mulheridades e cantoras. Compreender e buscar cada vez mais conhecimento nas áreas de gênero, raça, sexualidades, e legislações que promovem políticas públicas para o acesso e equidade em diferentes áreas de formação e atuação profissional com foco em grupos minoritários.

Adalgisa Alves de Lima, 21 de Abril de 1995, numa sexta-feira à tarde, no 9º andar de um hospital, dava à luz a um ser musical de cores quentes e vivas, Sarah Thamires Alves de Lima, que hoje renasce, Saraní.

Referências

ALMEIDA, Jéssica. **Biografia músico-educativa: produção de sentidos em meio à teia da vida**. 2019. 368f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

ALMEIDA, Jéssica de. Biografias músico-educativas de licenciandos em música: histórias de vida e seus processos formativos na graduação. **Revista da Abem**, v. 29, p. 178-198, 2021.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Aproximaciones teóricas a las perspectivas de la investigación (auto)biográfica en educación. **Revista Educación y Pedagogía**, Antioquia, v. 23, n. 61, p. 25-40, set. 2011.

PASSEGGI, M. C. y SOUZA, E. C. O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional. **Investigación Cualitativa**, 2(1) p. 6-26. 2017.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Cláudio e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004

JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si**. Tradução de Albino Pozzer. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

JOSSO, Marie-Christine. A Imaginação e suas formas em ação nos relatos de vida e no trabalho autobiográfico: a perspectiva biográfica como suporte de conscientização das ficções verossímeis com valor heurístico que agem em nossas vidas. In: PERES, L.M.V., EGGERT, E.; KUREK, D. L. (Orgs.) **Essas coisas do imaginário, diferentes abordagens sobre narrativas (auto) formadoras**. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2009.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo - educado, pedagogias da sexualidade**. São Paulo: Autêntica, 2022. p. 45 -105.

Relato recebido em 21/02/2025 e aprovado em 31/05/2025.

DOI: <https://doi.org/10.26512/vozcen.v6i01.57350>

Para submeter um manuscrito, acesse <https://periodicos.unb.br/index.php/vozecena/>

ⁱ Sarah Thamires Alves de Lima - Professora de canto no projeto PIBID MÚSICA (Programa institucional de bolsa de iniciação à docência) Universidade de Brasília, 2013- 2014 | Participação no evento Canto coletivo improvisado, música circular-circlesongs com a presença de Zuza Gonçalves, 2016 | Integrante do programa de educação tutorial PET, música em etnografia, com a coordenadora Beatriz Magalhães Castro, pela Universidade de Brasília, 2016 | Regente no coral Solusyon (Projeto para imigrantes, integrado ao PET música em etnografia), 2016 | Trabalho de conclusão de curso , para obtenção do título de licenciado em música pela Universidade de Brasília, com o tema: A relação corpo e movimento no aprendizado do canto: uma experiência com circlesongs. Orientação: Mestra Uliana Dias Ferlim, aprovado em 2\2016 | Cantora solista na prática de bossa nova, songbook Almir Chediak, Universidade de Brasília, orientador: Alexei Alves, 2017 | Pela Universidade de Brasília, atuação como tutora no projeto de extensão canto coletivo improvisado, 2017 | Recital de formatura no curso licenciatura em música/nome do show: Ser/ Soul metamorfofóico, inspirado em artistas representantes do soul music brasileiro, como Tim Maia, Djavan e Liniker 2\ 2017 | Participação como cantora representante do Brasil, no projeto musical intercultural festival Ethnos Sweden, Rättvik - Sweden 2018 | Como cantora participou da gravação da música águas do destino, brazilian samba-de-roda by Antenor Ferreira, no CD Ethnos in concert! Live at rättviksparken 6 julh 2018 | Cantora nos festivais Plural, Bocadim, Amostra Sesc de Música e Meskla, 2022-2023 | Lançamento de 5 músicas autorais nas plataformas de música, títulos; aceitação, desapareço, romance, frequência e desapego remix. saranicantora@gmail.com .

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2349128401112372>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-4661-3977>

ⁱⁱ Jéssica Almeida - Professora do Curso de Licenciatura em Música e dos Cursos de Mestrado e Doutorado do Programa de Pós-graduação em Música da Universidade de Brasília (UnB). Doutora e Mestre em Educação (Linha de Pesquisa Educação e Artes) pela Universidade Federal de Santa Maria (2016 e 2019). É líder do Grupo de Estudos e Pesquisas (Auto)Biográficas em Educação Musical (GEPaEM), desenvolvendo e orientando pesquisas sobre formação e atuação de professores, especialmente, de música, em diferentes contextos através de abordagens (auto)biográficas. Compõe o Movimento (Auto)Biográfico da Educação Musical no Brasil, tendo coordenado extensões interinstitucionais com o intuito de divulgá-lo nacionalmente. Participou do Programa Residência Pedagógica como orientadora (2018) e como coordenadora institucional (2020), além de ter composto a equipe de redatores do Currículo do Estado de Roraima (Arte), em 2018. Integra a diretoria da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) como secretária. Atua como coordenadora institucional do Pibid-UnB (2024-2026). jessica.almeida@unb.br .

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0437894322830052>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0752-120X>

ⁱⁱⁱ This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

